



A ILHA ASSOMBRADA

*ARTHUR CONAN
DOYLE*

FREE BOOKS

ARTHUR CONAN DOYLE

A ILHA ASSOMBRADA

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS
ESTRANGEIROS

SUSPENSE E MISTÉRIO

Título: A Ilha Assombrada.

Autor: Arthur Conan Doyle (1859 – 1930).

Tradutor: Autor desconhecido do séc. XX. Fizeram-se breves adaptações textuais.

Fonte: “Eu Sei Tudo”, edição de novembro de 1924.

Imagem da capa: László Mednyánszky (1852 – 1919).

Leiaute da capa: Canva.

Série: Nossos Autores – vol. 56.

Editor: Free Books Editora Virtual .

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e 43, *caput* da Lei nº 9.610/1998).

Direitos da adaptação textual: © Paulo Soriano.

Ano: 2018.

Sites recomendados:

<http://www.triumviratus.net/> <http://www.contosdeterror.site/>,
<http://www.contosdeterror.com.br/>

Sumário

A ILHA ASSOMBRADA.....6

SOBRE O AUTOR.....31

A ILHA ASSOMBRADA

Não foi pequeno trabalho colocar o *Gamecock* diante da ilha: o rio trazia tanto lodo que formava no estuário um banco de várias milhas pelo Atlântico. O litoral mal se via, denunciado apenas pela espuma das ondas, que se quebravam nos primeiros escolhos submersos. Adiantamo-nos com precaução até que do armazém da Empresa nos mandaram um bote com um piloto *krou*. Navegamos então mais umas duzentas jardas, advertidos pelos gestos do nativo de que não devíamos ir adiante.

De fato, ali mesmo, a coberto da ilha, a mar rugia e se agitava sob nossos remos. Além disso, a corrente do rio arrastava troncos, ramos e detritos de toda a espécie. O rio de água opaca e cinzenta, as margens de limo luzente, o verde brilhante do juncal e o morno vapor da atmosfera eram para mim alarmantes sintomas. Por isso, apressei o serviço de abastecimento d'água.

Mandei pôr na chalupa dois odres com capacidade para nos manter até São Paulo de Luanda. Eu próprio meti-me numa canoa, remei para a ilha onde um a bandeira inglesa assinalava o entreposto da empresa comercial dos Srs. Armitage & Wilson.

Alcansei o entreposto, depois de atravessar um pequeno bosque. Era uma casa longa e baixa caiada, com uma larga varanda na fachada e uma extensa fila de tonéis de um lado. Do outro lado, dava para uma praia onde de havia um pequeno cais avançando pelo rio. Dois homens vestidos de branco com cintos vermelhos estavam na extremidade desse cais para me receber. Um era corpulento e hercúleo com grande barba grisalha; o outro era alto, magro e tinha o rosto pálido ensombrado por um amplo chapéu de palha.

— Tenho muito prazer me vê-lo aqui — disse este último cordialmente. — Eu sou Walker, agente da casa Armitage & Wilson.

Permitia que lhe apresente o Dr. Severall, da mesma casa. É para nós uma agradável surpresa receber a visita de um iate particular nestas paragens.

Apresentei-me por minha vez, dizendo:

— Chamo-me Meldrum e sou o proprietário do iate *Gamecock*.

— Explorador?

— Não... simples lepidopterista... isto é, colecionador de borboletas. Venho em busca de espécies peculiares do oeste africano, desde o Senegal.

— E obteve exemplares interessantes? — perguntou o médico, volvendo para mim os olhos muito claros.

— Quarenta caixas cheias. Aportei aqui para fazer fornecimento d'água e perguntar-lhes se há nessa região alguma coisa que valha a pena.

Essas apresentações tinham dado tempo a um dos jovens criados *krous* para amarrar a canoa e adiantei-me pelo cais, escoltado pelos dois homens que me faziam mil perguntas, pois havia muitos meses que não tinham visto outro europeu.

— Oh, vivemos aqui do modo mais estúpido deste mundo! Felizmente temos muito trabalho. Quando nos sobram algumas horas, discutimos política.

— Sim. Por sorte, o Dr. Severall é um radical feroz e eu um unionista irredutível. De modo que não nos falta assunto para discutir. Só o *home rule*¹ tem-nos dado para encher noites inteiras.

— E bebemos coquetéis com quinino. Agora, felizmente, já estamos bem saturados; mas no ano passado nossa temperatura normal era 39°.

¹ Governo autônomo.

Acho sempre admirável encontrar homens colocados na extrema vanguarda da civilização falando com bom humor das tristezas de sua existência e opondo a todas as dificuldades uma coragem sólida. Há um poder quase divino nessa faculdade dada ao homem de dominar as condições da existência e servir-se do espírito para zombar das misérias do corpo.

— O jantar estará pronto daqui a meia hora — disse o médico. — Walker vai tratar disso. Esta semana é ele quem está de serviço como governante. Enquanto esperamos, podemos, se o quiser, dar uma volta pelos arredores. Mostrarei a você os pontos mais interessantes da ilha.

Aceitei um amplo chapéu de palha que ele me oferecia e saímos a caminhar ao longo do litoral, que estava entulhado com montes de folhas secas, troncos ramos e destroços de todo o gênero trazidos das florestas superiores pela correnteza do rio.

— É sempre assim — disse o Dr. Severall, ao ver que eu observava os arredores. — Dia e noite o rio nos traz esse lixo das matas, e só quando há uma grande cheia é que ficamos com a ilha limpa. Mas deixe-me explicar nossas instalações. Aquele edifício baixo e isolado é a tanoaria; além ficam o deposito de óleo de palma, o de experiência, o de copra, o de mamona, e outros. Aquela casinhola minúscula é a forja, que não podemos dispensar. Mas, creia... Eu o convidei para sair principalmente para o fim de lhe falar sobre uma coisa... Prefiro falar-lhe a sós, porque Walker já está tão impressionado com isso que prefiro evitar esse assunto diante dele...

Mas não pôde continuar. Um marinheiro viera correndo à minha procura para me avisar que a âncora estava garrando.

— Ah, o fundo aqui é muito traiçoeiro! Vá, Sr. Meldrum, mande lançar a âncora mais ao norte.

A manobra com o iate tomou-me mais tempo do que imaginava porque o rio começava a se tornar mais forte. Tive que almoçar a bordo, e só pude voltar à terra à tarde, para encontrar Severall e Walker bem diferentes do que os vira pela manhã.

O médico parecia preocupado; quanto a seu companheiro, estava tão vermelho e ao mesmo tempo tão abatido que lhe perguntei se estava doente.

— Sim... tive arrepios durante todo o dia e agora tenho a impressão de estar com um peso de dez quilos nos ombros e um zumbido infernal nos ouvidos. Mas faço questão de passar a noite com Severall no atelier.

— Meu caro, isso não pode ser. Vá se deitar imediatamente. O Sr. Meldrum não levará isso a mal — disse o médico. — Eu dormirei na tanoaria e estarei aqui para lhe dar o remédio logo ao amanhecer.

Era evidente que Walker fora atacado por um desses acessos de febre intermitente, bruscos e ardentes, que são a praga da África equatorial. Suas faces tinham-se tornado rubras, seus olhos fulgurantes e, de súbito, com a voz aguda, característica da febre, ele começou a gemer uma canção de Londres.

— Venha, meu velho. Nós vamos deitá-lo — disse o médico.

Conduzimos Walker até seu quarto, despimo-lo e, logo que lhe administramos um potente calmante, ele caiu em sono profundo.

— Está garantido para toda a noite — disse o Dr. Severall, quando voltamos para nossos lugares e enchemos de novo nossos copos. — Às vezes, isso acontece a mim; às vezes, acontece a ele. Felizmente, nunca nos aconteceu aos dois ao mesmo tempo. Pena foi que ele caísse doente hoje, porque tenho que tirar a limpo um problema. Não me ouviu dizer que pretendo dormir na tanoaria?

—Sim.

—Dormir é uma maneira de dizer. Pretendo passar toda a noite alerta para ver se descubro a causa de terror, do pânico que se espalhou entre os nativos. O senhor não imagina. Apenas anoitece, não há meio de conseguir deles coisa alguma. Embora não tenhamos ainda apurado o motivo desse pavor, somos forçados a reconhecer que ele é justificado. Geralmente, fazemos um nativo dormir na tanoaria para evitar o roubo de arcos de ferro. Pois bem, há seis dias, o homem que dormiu ali desapareceu sem deixar vestígios. Ora, como no dia seguinte não faltava um só bote, não se pode admitir que ele tivesse fugido, porque nenhum deles se arriscaria a fugir a nado com os crocodilos e tubarões que há por aí. Eu e Walker ficamos apenas intrigados com esse inexplicável desaparecimento, porém os nativos alarmaram-se e começaram a circular entre eles as mais estranhas histórias de feitiçaria. Há três dias,

outro guarda desapareceu do mesmo modo. Dormiu na tanoaria e no dia seguinte não havia nem vestígios dele. Então, o pavor dos nativos chegou ao cúmulo.

— Mas, de fato — eu disse —, se esses desaparecimentos não têm explicação...

— Nenhuma. Eu e Walker não conseguimos sequer estabelecer uma conjectura plausível. Os nativos, que se contentam com pouca coisa, afirmam que um demônio se estabeleceu na tanoaria e exige uma vítima de vez em quando. Ora, não podemos manter os serviços da empresa sem esse pessoal e, se não descobrimos o modo como esses dois guardas desapareceram, não haverá meios de conservar um só nativo aqui. Já passamos duas noites na tanoaria, em vão. Hoje é a terceira. Queira Deus que eu descubra alguma coisa.

— Até aqui, não conseguiu indício algum?

—Nenhum. Não consigo compreender como esses dois homens desapareceram. O segundo foi o velho Ali, o capataz, um negro corajoso e fiel à disciplina. Só um motivo muito grave poderia fazê-lo abandonar o posto.

— Pois, meu caro doutor, parece-me que a missão é talvez pesada para um só homem. Já que Walker adoeceu, permita que passe também a noite na tanoaria para lhe fazer companhia.

O médico estendeu-me a mão por sobre a mesa num gesto largo e satisfeito.

—É muito amável, Meldrum. Não me atreveria a lhe pedir esse favor, mas confesso que o aceito com grande prazer.

—Como eu o ofereço. Peço apenas que me deixe ir ao *Gamecock*, por um instante, para avisar que vou passar a noite na ilha.

O Dr. Severall acompanhou-me e, ao voltar, ficamos impressionados com o aspecto da noite. Um formidável monte de nuvens azuis e escuras

aparecera do lado de terra. O vento soprando em rajadas trazia-nos um hálito quente como se saísse de um forno.

— Irra! — exclamou o Dr. Severall. — Para o cúmulo, vamos ter uma carga d'água colossal. Note como o rio encheu. Isso significa que já está chovendo lá mais para cima. E, aqui, a chuva, quando começa, leva horas e horas. De uma vez o rio encheu tanto que quase cobriu a ilha. Vamos ver se Walker está bem; depois, iremos para a tanoaria.

O doente continuava a dormir. Saímos, deixando junto dele um copo de limonada para se despertasse durante a noite. Em seguida, caminhamos para a tanoaria debaixo da sombra medonha projetada pelas nuvens. O rio estava tão alto que já encobria quase todo o cais.

— Enfim — murmurou o Dr. Severall. — Essa inundação sempre nos traz uma vantagem. Varre todos os detritos amontoados no litoral pela correnteza durante meses. Verá como

amanhã ou depois teremos as encostas limpas. Mas aqui está a sala onde vamos passar a noite. Aqui tem livros e fumo para nos ajudar a matar o tempo.

À luz de nossa única lanterna, a vasta sala tinha um aspecto miserável e lúgubre. Improvisamos duas cadeiras com barricas e tomamos nossas disposições para passar a noite com algum conforto.

Severall trouxera-me um revólver e pusera uma carabina ao alcance de sua própria mão. Carregamos cautelosamente essas armas.

O pequeno círculo de luz lançado pela lâmpada pouco valia na treva do ambiente e dava à tanoaria um aspecto tão triste que voltamos à casa especialmente para buscar duas velas.

Depois, instalamo-nos de novo.

O Dr. Severall parecia dotado de nervos de aço e abriu um livro; mas notei que de instante a

instante erguia a cabeça e volteava em torno de si um olhar grave.

Por mim, tentei ler, mas não consegui concentrar meu pensamento em outro assunto algum. O sinistro mistério, que pairava sobre aquela sala pesava esmagadoramente sobre meu espírito, e em vão torturava o cérebro em busca de uma explicação para o sumiço dos dois nativos. O fato brutal e indiscutível era o desaparecimento. Mas, se não tinham saído da ilha nem a nado nem em bote, como e por que tinham desaparecido? Era irritante encontrar-me diante de um acontecimento sem causas compreensíveis

E era também um pouco aflitivo estar assim, no lugar de onde os dois infelizes haviam desaparecido, sem ter a menor ideia do que estávamos esperando e do que podia acontecer.

Bem razão tivera eu dizendo ao Dr. Sevrall que a missão era demasiada para um só homem. A dois, aquela vigília era profundamente

angustiante, e a sós, creio que nenhuma força humana seria capaz de me deter ali.

Oh, que alucinante e interminável noite!

Ouvíamos o rio borbulhar fortemente lá fora e o vento gemer sem cessar.

Em certo momento, senti um sobressalto no coração. O Dr. Severall deixara cair o livro e erguera-se de súbito com os olhos voltados para uma janela.

— Viu alguma coisa? — perguntou-me.

— Não. E o senhor?

— Tive a impressão de um rumor ali fora, perto dessa janela.

Adiantou-se com a carabina na mão e olhou atentamente através da vidraça.

— Não vejo coisa alguma — disse ele, afinal.

— Mas sou capaz de jurar que ouvi uma coisa passar lentamente.

Sentou-se de novo e retomou o livro; mas seus olhos erguiam-se de instante a instante, voltando para a janela um olhar desconfiado. Eu também me mantinha com todos os sentidos atentos; porém, tudo se manteve tranquilo.

A explosão da tempestade mudou felizmente o curso de nossos pensamentos.

Houve em primeiro lugar um relâmpago, que nos deslumbrou por um minuto talvez. Depois um trovão, que fez estremecer todo o edifício. Dir-se-ia que mil canhões tinham disparado ao mesmo tempo em torno de nós. Imediatamente, a chuva começara a cair, crepitando sobre o telhado de zinco. A sala vazia ressoava como um tambor e das trevas exteriores vinha um concertante de estranhos rumores; água, que escorria, caía e saltava, vento que zunia e, dominando tudo, o mugido profundo e regular do rio.

— Vamos ter a mais formidável das inundações. Mas Deus seja louvado, o dia não

tarda a romper. Conseguimos ao menos destruir a lenda de que a terceira noite é fatal.

Um fulgor cinzento escoou-se furtivamente na sala e quase em seguida foi dia claro.

A chuva diminuía de violência, mas o rio se transformara em uma torrente impetuosa e ameaçadora.

— Preciso ir a bordo — disse-lhe. — Tenho medo de que a corrente da âncora rebente.

— Não tema tal coisa. A ilha forma um dique diante do rio e detém a correnteza exatamente no lugar onde seu iate está ancorado. Venha primeiro à casa, que eu lhe arranjarei uma xícara de café.

Transido de frio, aceitei com reconhecimento essa oferta.

Sáímos do atelier sinistro sem ter elucidado o mistério. Corremos sob a chuva em direção à casa.

—Olhe — disse Severall —, a lâmpada de álcool está ali. Faça-me o favor de acendê-la, enquanto eu vou ver como está Walker.

Abriu a porta do aposento contíguo e, imediatamente recuou e voltou-se para mim com o rosto transtornado pelo pavor.

—Que é? Santo Deus!

—Pobre Walker. Meu Deus, que horror!

De pé com a lâmpada na mão, os olhos dilatados pelo espanto, repeti, quase num grito.

— Mas que é ?

— O pobre Walker... Venha ver — balbuciou o médico.

Aproximei-me e vi Walker estendido no leito, atravessado, com os braços e as pernas em cruz, com a mesma roupa de flanela com que eu o vira à tarde.

— Mas... está morto? — perguntei.

Com um tremor convulsivo na voz, o médico respondeu:

— Morto, e já há muito tempo.

— Da febre ?

— Como da febre?

Olhe para seus pés. Olhei e abafei um grito de pavor. Um dos pés do infeliz estava apenas deslocado, mas o outro voltara-se completamente para trás, em uma contorção grotesca.

— Céus! — exclamei. — Quem pode ler cometido semelhante barbaridade?

Severall estendeu uma das mãos sobre o peito do morto.

— Se fosse só isso... Há algo pior — disse ele.
— Apalpe o peito dele.

Fiz o que me dizia e tive a horrenda surpresa de não encontrar a menor resistência. Todo o

corpo do Walker, mole e inconsistente, cedia à pressão de meus dedos como se estivesse vazio.

— Todo o tórax está quebrado e reduzido a uma massa informe — disse o médico com voz que o terror tornava surda. — Graças a Deus, ele tomara uma dose de láudano. A morte o surpreendeu no sono e ele nada sentiu.

— Mas quem cometeu esse crime?

— Não sei. Sinto-me incapaz de raciocinar — balbuciou o médico, passando a mão pela frente com ar alucinado. — Nunca fui covarde, mas confesso-lhe que, se vai para bordo do *Gamecock*...

— Venha — disse-lhe.

Partimos no mesmo instante, sem olhar para trás.

Não era pouco arriscado aventurarmo-nos em uma simples canoa através daquele rio desencadeado. Mas essa ideia não nos deteve.

Ele — tirando a água que entrava no bote — e eu — remando — conseguimos alcançar o iate. Somente ali, separados da ilha por duzentas jardas de água impetuosa, retomamos o senso de nós mesmos.

— Voltaremos daqui a uma hora — disse o médico. — Precisamos deste tempo para recobrar a calma. Por coisa alguma deste mundo gostaria que os nativos me vissem no estado em que me achava há alguns minutos.

— Eu dei ordens ao *steward*² para que prepare o almoço. Vamos almoçar antes de voltar à ilha. Mas, pelo amor de Deus, doutor... Como se pode explicar que Walker ficasse assim...

— Não compreendo... Sim, por mais que reflita, não consigo imaginar sequer... Ouvei falar nas feitiçarias do vodu, mas ri delas como toda a gente. Agora, de ver o pobre Walker morto desse modo, sem um osso inteiro no corpo, fico

² Criado de bordo.

mergulhado em dúvidas. Será possível que... Mas, espere, Meldrum... aquele marinheiro... terá enlouquecido?

Peterson, o homem mais velho de minha tripulação, um marujo de caráter firme e frio como de pirâmides, fora colocado à proa para afastar com um croque os troncos e montes de ervas, que vinham pelo rio abaixo. Era a ele que o Dr. Severall se referia e seu espanto era bem justificado. De fato, Paterson, com os joelhos dobrados e os olhos fixos, riscava o ar com um dedo frenético, apontando não sei o que no rio.

Quando me aproximei já, assustado, ele gritou-me num clamor de susto imenso:

— Olhe!... olhe!...

Voltei-me na direção indicada e vi um tronco gigantesco, que descia pela correnteza, trazido evidentemente da borda da ilha. Apenas metade de sua vasta circunferência mergulhava na água. E sobre esse tronco de árvore, como uma

figura de proa monstruosa, via-se uma cabeça hedionda, balançando-se com vagar. Chata e com expressão feroz, essa cabeça tinha o tamanho de um carril, era verde com tons amarelos e o pescoço manchado com malhas pretas. Quando o tronco se aproximou um pouco mais, eu vi na parte oca da árvore os anéis enormes de uma serpente.

A cabeça erguera-se a dois ou três metros de altura e o monstro fitou-nos com olhos baços.

Mas a correnteza o levava e o tronco com seu medonho passageiro perdeu-se no Atlântico.

—Que é isto? — exclamei.

— É o demônio, o feitiço; o pavor da tanoaria — disse o médico, que se tornara subitamente loquaz, como na véspera — É o assassino de Walker, a serpente píton do Gabão.

Lembrei-me do que já tinha ouvido contar ou lido sobre a monstruosa serpente constritora

da África, seu apetite periódico e os efeitos temíveis de seus amplexos.

Tudo se reconstituiu em meu espírito.

A cheia das águas trouxera aquele tronco na semana anterior. A serpente viera nele arrastada sabe Deus de que floresta do interior. O tronco encalhara na costa da ilha.

A tanoaria era ali perto. Por duas vezes a píton levava um homem. Sem dúvida voltara na véspera. A luz, que mantínhamos na tanoaria, afugentou-a — foi decerto quando o Dr. Severall julgou ouvir um rumor. E, não podendo entrar ali, fora até a casa da empresa onde triturou o corpo de Walker para devorá-lo.

Naturalmente, a tempestade assustou-a e ela fugiu deixando o corpo. As coisas deviam ter se passado assim. Mas, como não tinham visto a serpente, os nativos não acreditaram em nossas explicações e continuaram a considerar que a ilha estava assombrada por um espírito maléfico.

Não houve meios de detê-los ali e a empresa Armitage & Wilson teve que instalar um entreposto em outro ponto do litoral.

SOBRE O AUTOR

Arthur Ignatius Conan Doyle (1849 - 1930) é sobretudo famoso por seus contos e romances protagonizados por Sherlock Holmes, o detetive mais famoso de todos os tempos. Doyle, todavia, deixou diversas narrativas curtas que se distanciavam do gênero policial puramente detetivesco. “A Ilha Assombrada” (*The Friend of the Cooperage*), publicado originalmente no “The Manchester Weekly Times” em outubro de 1897, é um conto de mistério e morte.